

Programação do Simpósio sobre o Norte de Minas na ANPUH

1- Violência, poder e justiça no sertão das Minas – 1870-1889.

Alysson Luiz Freitas de Jesus - Colégio Biotécnico de Montes Claros e Universidade Estadual de Montes Claros Unimontes.

O tema violência faz parte da nossa vida cotidiana, constituindo-se em preocupação social e acadêmica. A justiça e a administração do Estado, por sua vez, também se constituem em elementos de grande interesse, pois, a partir do estudo das relações entre a violência e o papel do Estado pode-se desvelar as várias faces que a violência assume no cotidiano das pessoas, bem como a direção tomada pela administração do Estado frente a tais questões. É nesse sentido que o presente trabalho procura analisar essa temática em dois momentos distintos: durante o século XIX, em meio ao regime escravista vivenciado no Norte de Minas, e no momento de transição do Império para a República. O espaço escolhido para a pesquisa é o Norte de Minas Gerais, com ênfase para a cidade de Montes Claros/MG. O espaço temporal, por sua vez, abarca os anos de 1870 a 1889. O corpus documental utilizado a princípio é composto por processos-crime e relatórios provinciais. Toda a documentação tem o objetivo de direcionar o presente trabalho de pesquisa para o papel do Estado no Norte de Minas, relacionando a administração do poder com a temática da violência entre escravos, forros e livres pobres da região. Analisaremos ainda o cotidiano vivido por esses homens, durante a escravidão e no pós-escravidão, o que nos permitirá compreender o cotidiano e o poder na região em dois momentos: o Império e a República Velha.

2- Ruas e becos a trilhar: caminhos na pesquisa urbana sobre Diamantina.

James William Goodwin Junior - CEFET MG.

Apresentar, inicialmente, uma abordagem panorâmica da produção historiográfica e das fontes documentais sobre Diamantina, especificamente quanto a temas ligados ao espaço urbano. Levantar e discutir possibilidades de aprofundamento e diversificação das pesquisas sobre a urbanização diamantinense, com ênfase no período de 1870 a 1938. O marco temporal tem início no período caracterizado pela reformulação da cidade ensejada pela crise da exploração diamantífera e os processos de inserção do Brasil na modernidade capitalista, e encerra-se com o tombamento pelo recém-criado Serviço de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - SPHAN, que alterou a dinâmica do espaço urbano.

3- Os Festivais de Canção Popular do Vale do Jequitinhonha: canção, movimentos sociais e identidade regional (1978-1989).

Jonas Soares Lana - FEVALE.

Nos anos 1980, artistas como Saulo Laranjeira, Paulinho Pedra Azul e Tadeu Franco levaram a uma parcela considerável do público brasileiro, canções que divulgaram a cultura e a história do Vale do Jequitinhonha. As carreiras destes cancionistas são vinculadas ao que ficou conhecido como “Movimento Cultural” do Vale, responsável pela fundação e distribuição do jornal Geraes entre 1978 e 1985, e pela organização dos FESTIVALEs (Festivais de Canção Popular do Vale do Jequitinhonha). O objetivo desta pesquisa é reconstituir a história política e social desse movimento, privilegiando o estudo das canções apresentadas nos FESTIVALEs entre 1980 e 1989, as quais teriam contribuído para a reelaboração da identidade regional jequitinhonhense. Concomitantemente, esta investigação

procura evidenciar as especificidades do “Movimento” a partir da observação de suas articulações com os acontecimentos nacionais de uma época marcada pela emergência de novos movimentos sociais e pela luta em favor da abertura política e da redemocratização. Nesta comunicação, serão apresentados e analisados determinados aspectos dos projetos políticos divulgados no Geraes e em algumas das canções classificadas nos FESTIVALES realizados entre 1980 e 1989.

4- Diamantina e suas alforrias: Crise geral dos diamantes – 1870.

Livia Gabriele de Oliveira – UFMG.

O século XIX mineiro foi marcado por transformações na economia. A mineração do ouro e de gemas preciosas teve grandes oscilações e a agricultura de subsistência passou a ocupar uma posição de destaque. Em 1870, com a abertura das minas de diamantes na África do Sul, os mineradores sofreram com a crise mundial do produto. A região de Diamantina, portadora de um importante histórico minerador, sofreu significativas transformações econômicas com a baixa mundial dos preços das gemas. A falência de empresários do ramo, a diversificação da economia e as novas leis imperiais, vigentes a partir da segunda metade do século XIX, podem ter influenciado nas práticas de alforrias e no número de livres da região. A mão-de-obra escrava sempre esteve presente nos diversos setores da economia da Província, portanto, o comportamento das Cartas de Alforrias no contexto da crise geral dos diamantes é essencial para a percepção de uma sociedade escravista e mineradora. A análise contempla alguns momentos distintos da sociedade que fazia seus registros nos cartórios da Comarca do Serro Frio. Os Registros de Liberdades remetem às décadas de 1860, 1870 e 1880 possibilitando a passagem pelo período em que a região ainda vivia uma euforia na atividade mineradora, pelo momento íntimo da crise e pelo processo de recuperação.

5- Regionalidade e História: reflexões sobre a regionalização nos estudos historiográficos mineiros.

Marcos Lobato Martins – Faculdades Pedro Leopoldo.

A comunicação tem por objetivo apresentar uma discussão teórico-metodológica sobre a questão da regionalização nos estudos historiográficos, tomando o Norte/Nordeste mineiro como estudo de caso. Serão discutidos alguns aspectos relativos às dificuldades e cuidados que as regionalizações do espaço construído por sociedades do passado envolvem, bem como critérios que podem contribuir para a definição de escalas e recortes regionais que escapem dos anacronismos, na medida em que tomem por base informações, processos e representações coetâneas à realidade sócio-espacial que é objeto da investigação histórica. Dessa forma, o trabalho tentará avançar algumas considerações sobre o mapeamento das áreas de influência das cidades norte-mineiras na virada do século XIX para o século XX.

6- Entre o Sertão e a Civilização: A Estrada de Ferro Bahia e Minas e o imaginário ferroviário em Novo Cruzeiro – MG.

Pablo de Souza Oliveira – Universidade Severino Sombra.

O objetivo deste trabalho é analisar os significados atribuídos à Estrada de Ferro Bahia e Minas em um pequeno povoado que viria a se tornar a cidade de Novo Cruzeiro. Neste sentido, entenderemos a ferrovia como símbolo e espetáculo do progresso que ao promover ligações entre regiões urbanizadas e os sertões brasileiros, também promoveu a inserção destes últimos em relações capitalistas, onde um novo ritmo cotidiano seria organizado por essas relações que criam o

imaginário do progresso possível, sugerindo a formação de uma identidade associada à ferrovia. Assim, analisaremos a importância da ferrovia para a economia da cidade bem como as dimensões dadas a ela pelas diversas memórias produzidas pelos moradores da cidade. Desta forma, fontes oficiais como prestações de contas da prefeitura municipal, atas de reuniões do legislativo municipal, dados censitários e fontes relativas à produção do imaginário através das memórias como depoimentos, fotos, crônicas e poemas são articuladas de forma a desvelar, na leitura e imagens da cidade que estas fontes possibilitam, o papel da ferrovia em sua dinâmica social e cultural.

7- Civilização versus sertão: o jornal “Montes Claros” como porta voz de um projeto de cultura intelectual.

Rejane Meireles Amaral Rodrigues - Universidade Federal de Uberlândia.

A presente comunicação tem por objetivo analisar quatro manchetes publicadas no jornal “Montes Claros” dos meses de novembro e dezembro de 1916, nas quais são retratadas uma festa de encerramento do ano letivo na Escola Normal de Montes Claros, cuja função naquele período era “civilizar” o norte de Minas. A pesquisa objetiva entender como o sertão e a cidade foram tratadas nas páginas dos jornais na década de dez do século vinte, e este recorte aqui apresentado propõe pensar: por que para o grupo político liderado por Honorato Alves esta festa tinha relevância ao ponto de ser retratada várias vezes pelo jornal? Para responder tal questão utilizaremos reportagens do jornal “Montes Claros” publicadas em vinte e três de novembro, trinta de novembro, sete de dezembro e quatorze de dezembro de mil novecentos e dezesseis.

8- Contribuições de José Teixeira Freire no desenvolvimento da Educação Física em Guanambi/BA.

Rogério Othon Teixeira Alves - Unimontes.

A Educação Física tem história recente no interior da Bahia, é importante registrar sua memória, para estabelecer paralelos entre passado e presente. Na cidade de Guanambi, sudoeste baiano, a Educação Física foi implantada na década de 1950, com a primeira instituição de ensino secundário da cidade. Por conta da inexistência de pesquisas nessa área, apresenta-se então o seguinte problema: Como o professor José Teixeira Freire contribuiu no desenvolvimento da Educação Física em Guanambi? Para encontrar as respostas, reconstruiu-se a história de vida do professor mencionado, enfatizando sua trajetória na Educação Física de Guanambi. O universo da pesquisa foi composto por ex-professores e ex-alunos da época. As entrevistas permitiram o contato com a história e histórias das aulas de Educação Física. E um questionário, respondido por ex-alunos de José Teixeira Freire, facilitou a complementação das informações. O professor utilizava a ginástica como conteúdo em suas aulas. Baseava-se nos métodos francês e alemão, mas não os seguia à risca: “tinha meu próprio método natural, exercícios que eu achava melhor para os alunos: levantamento de pernas e braços, flexões, exercícios com os quadris...”. “Os aros eram de vergalhão e a tabela de pedaço de madeira que conseguia”. Aplicava o que tinha aprendido em Montes Claros-MG: que a Educação Física tinha um caráter militarista.

9- Teófilo Ottoni e a Companhia do Mucuri: política e economia no nordeste mineiro (1847-1864).

Weder Ferreira da Silva - Universidade Federal de Ouro Preto.

Criada por Teófilo Benedito Ottoni em 1847, a Companhia de Comércio e Navegação do Mucuri notabilizou-se pelo projeto de ocupação das terras do vale do rio Mucuri, nordeste de Minas Gerais. Tendo suas atividades efetivamente iniciadas em 1853, a Companhia do Mucuri ao longo da década de 1850 ao colocar em prática seu projeto de construção de estradas, imigração européia e ocupação das terras, revela a complexa teia política que envolveu este empreendimento econômico. Assim sendo, o estudo da empresa criada por Ottoni nos oferece uma boa mostra de como se movimentavam os interesses políticos e econômicos daqueles que construíram a nação brasileira no século XIX.